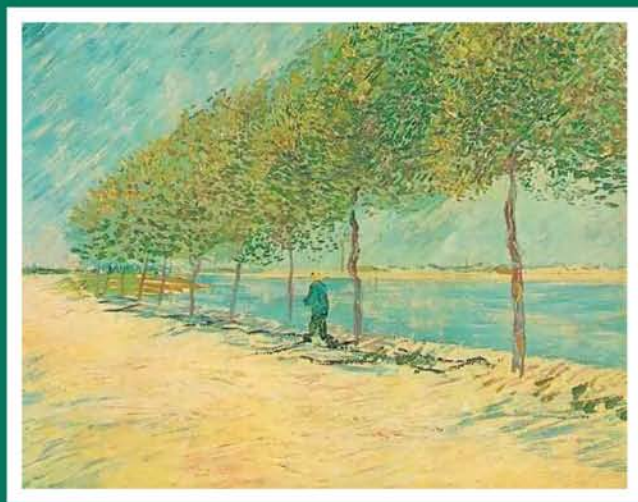


Ana Nascimento Piedade

# OUTRA MARGEM

ESTUDOS DE LITERATURA  
E CULTURA PORTUGUESAS



temas portugueses

## NOTA PREFACIAL

*Este livro agrupa uma série de estudos dispersos em publicações de índole diversa — revistas, jornais, livros de actas — e ditos em vários lugares sob diferentes pretextos, produzidos, na sua maioria, entre 2000 e 2007.*

*Apesar de todos terem sido revistos para a presente edição, tendo assim sido objecto de incessante reescrita e, por conseguinte, sofrido substanciais alterações, alguns houve em que se mantiveram traços típicos que os marcavam quando tiveram por objectivo comunicar oralmente.*

*Não tendo tido como motivação encontrar outra unidade que não seja a reunião de um conjunto de autores cujas obras não têm deixado de me interpelar fundamentalmente ao longo da minha vida profissional, não posso propor-me justificar o que de certo modo é injustificável, ou seja, a natureza pessoal e assistemática e uma muito particular marginalidade que a leitura desta selecção de textos poderá sugerir.*

*Preferiria por isso que este livro fosse entendido sobretudo como um reflexo daquele esforço continuado de «aperfeiçoamento subjectivo da vida» que Fernando Pessoa evoca quando define cultura e que, no meu caso, se sente cada vez mais vocacionado para a oscilação e para a dúvida.*

Ser marginal. Não ser fora-da-lei por desprezo da norma comum. Por amoralidade, miserabilismo, ou abjecção. Ser apenas do lado da vida em que não passa muita gente, se é quase anónimo, fora do alvo que é visado pela notoriedade, curiosidade pública, grande reputação. Ser em humildade, na discrição de nós, na curta dimensão de nós. Não é por comodismo, orgulhosa modéstia, ressentimento. Não por nada disso ou outras coisas disso, mas só para nos não perdermos de nós, não nos esbanjarmos na invasão da dissipação alheia. Não por nada disso mas só pela economia do pouco que nos pertence e mal dá para abastecer uma vida.

VERGÍLIO FERREIRA, *Conta-Corrente*, IV.

**PARTE I**  
**SOBRE EÇA DE QUEIRÓS**

## PORQUÊ LER EÇA DE QUEIRÓS NO SÉCULO XXI? <sup>1</sup>

1. A primeira das razões que me ocorrem para documentar a actualidade de Eça de Queirós nos nossos dias é evocar o seu paradigmático estilo, mistura inimitável de simplicidade, concisão, propriedade e harmonia que, desde o primeiro encontro, nos apaixona e nos cativa pela imensa dose de prazer que toda a graça e a palpitante beleza da sua forma, assim como o inigualável humor e a eficácia certeira da sua deliciosa ironia nos proporcionam, compelindo-nos a ler e a reler indefinidamente os seus escritos.

Eça esteve sempre bem ciente da importância *vital* do humor e do seu cultivo, assim como, quando conseguidos numa forma superiormente apurada, das suas mais directas (e saudáveis) consequências: rir e sorrir. Numa carta escrita de Newcastle em 1878, vaticina certeira: «É, no fim, o espírito, a *verve*, que darão às 'Farpas' a imortalidade a que elas possam aspirar: não é a sua filosofia, a sua exegese, a sua estética, a sua ética, que levarão à glória: é o seu espírito, a sua imensa veia cómica.» <sup>2</sup>

Por outro lado, rir foi desde cedo considerado pelo co-autor de *As Farpas* como um meio muito eficaz de fazer «oposi-

---

<sup>1</sup> Conferência feita na «Jornada Queirosiana» que decorreu no Palácio Valenças em Sintra, em 14 Outubro de 2005, a convite da Fundação Eça de Queiroz.

<sup>2</sup> «Ramalho Ortigão (carta a Joaquim de Araújo)», in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, livros do Brasil, s. d., p. 35.

ção». Ainda na mesma carta explicita as suas razões: «O riso é a mais antiga, e ainda a mais terrível forma da crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição, e a instituição alui-se. [...] Um acto de espírito pode ser [...] um acto de grande justiça social. A palavra espírito, ultimamente, tem sido amesquinhada; fazem-no significar as saídas picantes da conversação engraçada, o *bon mot*, o *lazzi*, a chalaça. Mas ele é uma mais alta entidade: é a crítica pelo riso; é o raciocínio pela ironia.»<sup>3</sup>

Por isso, preocupando-se com «a decadência do riso» que constata no mundo que o rodeia, Eça citará Rabelais — *riez, car le rire est propre de l'homme* —, um autor paradigmático no que ao riso diz respeito, tendo ele mesmo sempre contrariado, com os muitos recursos da sua poética (em especial neste campo) a gravidade tipicamente «conselheirífera», vastamente difundida entre nós. De facto, «espíritos porventura imbuídos do lamento da alma lusitana, seja isso o que for», como frisou Mário de Carvalho, escritor que igualmente bem sabe activar a inteligência do seu leitor através do riso, «disponibilizam-se para a literatura com uma *gravitas* eclesial que só admite solenidades. Tem andado bem instalada a noção de que a ‘profundidade’ é questão de sisudez, só cinzentos e roxos tocam no fundo. Disso tem algo aproveitado quem é, por dom, desprovido de sentido de humor.»<sup>4</sup>

De facto, se há traço que individualiza o espírito de Eça e torna a sua escrita tão aliciante é justamente essa arte de conseguir fazer coabitar a manifesta leveza de um registo humorístico e/ou irónico, frequentemente adoptado, com uma omnipresente e lúcida dimensão pensante, deixando luminosamente demonstrado como a seriedade que um pensar autêntico reivindica não obriga a um texto maço, nem invalida uma atmosfera risonha e divertida<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, pp. 26 e 36.

<sup>4</sup> «Notícia do mestre», in *Retratos de Eça de Queirós*, prefácio e coordenação de Isabel Pires de Lima, Porto, Campo das Letras, 2000, p. 100.

<sup>5</sup> Cf. o meu trabalho *Ironia e Socratismo em «A Cidade e as Serras»*, Lisboa, Instituto Camões, 2002, p. 31.

## ÍNDICE

Nota prefacial .....	7
----------------------	---

### PARTE I

#### Sobre Eça de Queirós

Porquê ler Eça de Queirós no século XXI? .....	13
Estratégias da modernidade em <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> .....	29
Eça de Queirós e o mundo das leis .....	55
O Fradiquismo e os modos de ser-moderno do último Eça .....	83
A estátua de Eça de Queirós em Lisboa: entre a nudez forte da verdade e o manto diáfano da fantasia .....	95
Eça de Queirós e a filosofia .....	109
Eça de Queirós <i>ou</i> a estética da ironia .....	117
<i>Delícias</i> da gastronomia queirosiana .....	123

### PARTE II

#### Sobre a geração de 70 e a geração do *Orpheu*

Geração de 70 e Geração do <i>Orpheu</i> : afinidades e contrastes estético-culturais .....	135
---	-----

### PARTE III

#### De Eça de Queirós a Lobo Antunes

Eça de Queirós e Cesário Verde ou a realidade como poesia .....	175
António Feijó, Eça de Queirós e a terrível quadrilha dos Carecas .....	195

A cidade de Eça, Cesário e alguns do <i>Orpheu</i> : Da topografia descrita à transfiguração poética .....	205
Eça de Queirós e Mário de Sá-Carneiro .....	229
Eça e Pessoa no limiar de um novo milénio: que «civilização»? .....	243
Eça, Pessoa e «o esplendor de Portugal» .....	261
Variações temático-formais em torno da crónica: Eça de Queirós e Lobo Antunes .....	277

#### PARTE IV

##### Sobre Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e José Régio

Mário de Sá-Carneiro ou a «reposição permanente dos enigmas»	305
Mário de Sá-Carneiro: Poète de l'unicité et de la multiplicité esthétiques? .....	317
Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa lidos por José Régio .....	325

#### PARTE V

##### Sobre Eduardo Lourenço

Eduardo Lourenço lido pelos críticos .....	343
Eduardo Lourenço, património da nossa cultura .....	349
Eduardo Lourenço: Os enigmas de <i>Eros</i> sob os olhos de Eça .....	381

#### PARTE VI

##### Vários

Comunidades de leitores: Para uma leitura viva .....	391
Particularidades da crónica ensaística .....	401
«Assim sair voando pela noite dentro» .....	405
Lisboa nos Cafés .....	409